



Revista Eletrônica de Filosofia  
*Philosophy Eletronic Journal*  
ISSN 1809-8428

São Paulo: Centro de Estudos de Pragmatismo  
Programa de Estudos Pós-Graduados em Filosofia  
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo  
Disponível em <http://www.pucsp.br/pragmatismo>

Vol. 16, nº. 1, janeiro-junho, 2019, p.116-127  
DOI: 10.23925/1809-8428.2019v16i1p116-127

## CRÍTICA AO NATURALISMO E TELEOLOGIA: O “POSITIVISMO FILOSÓFICO” DA FENOMENOLOGIA DE HUSSERL<sup>1</sup>

**Carlos Diógenes C. Tourinho**

Doutor em Filosofia pela PUC-Rio. Professor Associado I do Departamento de Filosofia e do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal Fluminense (UFF-Niterói/RJ). Membro do GT de Fenomenologia da ANPOF  
[cdctourinho@yahoo.com.br](mailto:cdctourinho@yahoo.com.br)

**Resumo:** O presente artigo relaciona a crítica ao naturalismo e o tema da teleologia na fenomenologia de Husserl. Dividido em três partes, o artigo concentra-se, inicialmente, em torno dos contrassensos teóricos do naturalismo, bem como dos seus perigos para a cultura europeia. No segundo momento, analisa o *telos* espiritual do homem europeu: do ideal da razão filosófica à teleologia da vida intencional. Por fim, artigo mostra que a presença dos preconceitos naturalistas constituiria o grande obstáculo à investigação da relação entre tais domínios teleológicos. Neles, encontramos um sentido fenomenológico da ideia de “progresso”, revelando-nos, na fenomenologia de Husserl, a aspiração por um autêntico “positivismo filosófico”.

**Palavras-chaves:** Edmund Husserl. Fenomenologia. Naturalismo. Teleologia. Positivismo.

### CRITICAL TO THE NATURALISM AND TELEOLOGY: THE "PHILOSOPHICAL POSITIVISM" OF HUSSERL'S PHENOMENOLOGY

**Abstract:** *The present paper relates the critique of the naturalism and the theme of the teleology in Husserl's phenomenology. Divided into three parts, the paper focuses initially on the theoretical misunderstanding of naturalism as well as its dangers to European culture. In the second moment, analyzes the spiritual telos of the European man: from the ideal of philosophical reason to the teleology of the intentional life. Finally, the paper shows that the presence of naturalistic prejudices constitutes the major obstacle to the investigation of the relationship among these teleological domains. In them, we find a phenomenological sense of the idea of "progress", revealing to us, in Husserl's phenomenology, the aspiration for an authentic "philosophical positivism".*

**Keywords:** Edmund Husserl. Phenomenology. Naturalism. Teleology. Positivism.

\* \* \*

---

<sup>1</sup> O presente artigo é dedicado à memória do professor Sérgio Luiz de Castilho Fernandes (PUC-RJ/UERJ), cujo trabalho acadêmico concentrou-se, particularmente, em torno dos fundamentos do conhecimento objetivo, bem como do conceito filosófico de “consciência”.

## 1. Introdução

Um olhar panorâmico sobre o caminho traçado por Edmund Husserl no século XX permite-nos notar a preocupação do autor em nos chamar a atenção, em diferentes momentos do seu itinerário, para os contrassensos teóricos e práticos inerentes à doutrina do naturalismo. No exercício permanente da tarefa crítica, Husserl jamais abdicou de denunciar tais contrassensos. Se nas origens da fenomenologia, tal denúncia recai sobre os equívocos de fundamentos inerentes às tentativas psicologistas de fundamentação da Lógica na Psicologia, especificamente, a partir do começo dos anos 20, além dos contrassensos teóricos, interessa ao autor denunciar os perigos que a aceitação de tal doutrina teria para a cultura e, mais precisamente, para a formação da mentalidade do homem europeu. Para Husserl, tal enfermidade espiritual vivida pela humanidade europeia estaria diretamente relacionada à aceitação de preconceitos naturalistas que, ao reduzir tal humanidade a uma realidade de fatos, fomentava o esquecimento daquilo que seria, aos olhos do autor, responsável pela “saúde espiritual” da Europa: o ideal da razão filosófica de contemplação de metas infinitas. Husserl identifica neste ideal o *telos* espiritual da Europa. A análise de tal teleologia imanente à evolução espiritual do homem europeu revelar-nos-ia, por sua vez, outras “camadas teleológicas”: do ideal da razão filosófica se ramificariam os diferentes domínios científicos – cada um dos quais movidos teleologicamente pelo ideal de alcançar verdades “válidas uma vez por todas e para todos” – que abrigariam, no curso de seus momentos, uma camada mais originária referente à realização teleológica da vida intencional. Tais camadas encontrar-se-iam unificadas, revelando-nos uma “unidade teleológica” no programa da fenomenologia. Husserl chama-nos a atenção para a importância de clarificar e distinguir as referidas realizações teleológicas. Grande parte do esforço da fenomenologia concentrar-se-ia em torno desta tarefa. Porém, para o autor, o maior obstáculo à investigação de tais realizações consistiria, justamente, nos preconceitos naturalistas, responsáveis pela crise espiritual da Europa, resultante da “quebra” de tal unidade teleológica. A denúncia dos contrassensos do naturalismo consistiria em um passo decisivo para a desobstrução do caminho da referida investigação teleológica. No esclarecimento da distinção e da relação entre tais camadas teleológicas, deparamo-nos com um sentido fenomenológico da ideia de “progresso” (fundado, como o próprio Husserl nos diz, na evidenciação das coisas “elas mesmas”), permitindo, ao programa da fenomenologia, aspirar a um autêntico “positivismo filosófico”. Eis a hipótese do presente artigo.

## 2. Crítica ao naturalismo: do contrassenso teórico aos perigos para a cultura

Ainda nas origens da fenomenologia, notamos uma preocupação renovada de Husserl em mostrar que toda tentativa de fundamentação da Lógica na Psicologia e, portanto, em uma ciência positiva cujas bases assentam-se na doutrina do naturalismo (para a qual o mundo equivaleria tão somente a uma realidade de fatos naturais), se tornaria uma tentativa que nos conduziria, inevitavelmente, a um contrassenso teórico. Afinal de contas, como nos mostra Husserl desde 1900, em *Prolegômenos à lógica pura* (“Prolegomena zur reinen Logik”), volume propedêutico das *Investigações Lógicas* (*Logische Untersuchungen*), ao ignorar a distinção entre o ato psicológico de pensar e o conteúdo ideal do pensamento, reduzindo, indevidamente, tal conteúdo a conexões psicológicas, além de incorrer em problemas de fundamentos (pois confunde os domínios do real e do ideal), o modo de consideração natural – no qual se apoia a Psicologia como uma ciência positiva –

confina o homem (enquanto ente psicofísico) a uma relação meramente empírica com o mundo. Neste caso, em tal modo de consideração, por mais êxito que o pensamento obtenha, fica confinado a inferir, a partir da observação dos fatos, proposições que não são senão, como nos diz Husserl, no § 21 de *Prolegômenos*, “generalizações vagas da experiência” (*vage Verallgemeinerungen der Erfahrung*) (HUSSERL, [1900] 1913, § 21, p. 61) que, como tais, não perdem o seu cariz episódico. Tais proposições inferidas da experiência nos levariam, inevitavelmente, segundo Husserl, uma vez que as mesmas careceriam de validade apodítica, a um domínio de contingências, abrindo as portas para um relativismo cético. Afinal, como o próprio autor nos lembra, no § 36 do mesmo volume: “de fatos só podemos derivar novamente fatos” (“*aus Tatsachen lassen sich immer wieder nur Tatsachen ableiten*”) (HUSSERL, [1900] 1913, § 36, p. 119).

Mas, se no começo do século XX, é devido a problemas de fundamentos que Husserl é levado a denunciar o contrassenso teórico inerente às iniciativas psicologistas de fundamentar os princípios gerais da Lógica em processos psicológicos, fazendo da Psicologia uma espécie de “*philosophie première*” (HOUSSET, E. 2000), elevando-a, a despeito de ser a mais nova ciência positiva do século XIX, ao lugar de “protótipo da ciência autêntica em geral” (*Prototyp echter Wissenschaft überhaupt*) (HUSSERL, [1923/1924] 1956), a partir deste período, cada vez mais, nota-se uma preocupação por parte do autor em denunciar os riscos que a realização de tal iniciativa naturalista teria para a formação do homem europeu. Ainda em caráter embrionário, o primeiro sinal desta nova preocupação já pode ser notado em “A filosofia como ciência de rigor” (*Philosophie als strenge Wissenschaft*), artigo publicado em 1911 para o primeiro número da *Revista Logos*. Husserl afirma-nos, ao final da introdução do referido artigo, que o naturalismo dominante na Europa: “...significa praticamente um perigo crescente para a nossa cultura” (“...*eine wachsende Gefahr für unsere Kultur bedeutet*”) (HUSSERL, 1911, p. 293). Se em tal artigo, tais observações não têm maiores desdobramentos, elas já indicam, por si só, uma nova preocupação do autor: além dos problemas de fundamentos nos quais o naturalismo incorre, caberá também alertar para os impactos que tal modo de consideração teria para a formação da mentalidade do homem europeu.

Mas é somente a partir da década de 20 que se evidencia a preocupação de Husserl em dar seu parecer a respeito da crise da Europa, propondo-nos, ao mesmo tempo, uma reforma racional da cultura que pudesse, em meio à crise, conduzir a humanidade europeia em direção ao que ele próprio considera uma “*humanitas autêntica*” (*echter Humanität*), inviabilizada por preconceitos naturalistas. Husserl afirma-nos, logo no primeiro dos seus artigos publicados pela revista japonesa *Kaizo*, intitulado “Renovação. Seu problema e seu método” (“*Erneuerung. Ihr Problem und ihre Methode*”), de 1923, que a Europa está em crise e, em seu doloroso presente, uma renovação se faz necessária em meio ao cenário devastador deixado pela Primeira Guerra. Essa mesma humanidade que se orgulhava do ideário positivista de ciência desde o último quarto do século XIX e, por conseguinte, de ter alcançado um estágio positivo, supostamente “mais avançado” numa linha progressiva, começava a dar sinais de declínio a partir da referida guerra, revelando-nos, de acordo Husserl, nos termos do seminário de inverno do mesmo ano, uma “miséria espiritual profundamente comovente” (*tief bewegende geistige Not*) (HUSSERL, [1923/1924] 1956, p. 7). Daí a formulação husserliana da questão, em tom de manifesto, no referido artigo: a humanidade europeia estaria,

com a guerra, condenada a se desorientar por um pessimismo fatídico e por um realismo, outrora apenas ingênuo e agora sem ideais? Husserl (HUSSERL, [1923] 1989) pergunta-nos, então: a racionalidade efetiva e a excelência (de nos colocarmos acima de nossas preocupações e infortúnios individuais, religando-nos às questões supremas da humanidade) não seria um caminho possível para remediar essa crise? Certamente, se ela não fosse marcada por uma perda da crença em tal racionalidade e excelência. Contra a visão pessimista segundo a qual a humanidade seria reduzida a uma “humanidade de fatos”, Husserl aposta suas fichas em uma reforma racional da cultura, por meio da qual reacenderíamos a crença em tal racionalidade e excelência, abrindo os caminhos obstruídos por tais preconceitos naturalistas. Por esse motivo, tal reforma aspiraria, antes de tudo, reformar a cultura fática que confina os homens a juízos dirigidos para simples fatos de existência, nos quais somente se admitiria como válido o que fosse objetivamente verificável. Somente superando tais preconceitos, essa humanidade seria recolocada no caminho de uma racionalidade, unindo os indivíduos para além de uma condição meramente accidental.

Em maio de 1935, Husserl manifesta-se novamente sobre a crise da Europa, ao proferir a famosa conferência de Viena, intitulada *A crise da humanidade europeia e a filosofia* (“Die Krisis des europäischen Menschentums und die Philosophie”). Nela, Husserl (HUSSERL [1935] 1976) apresenta-nos um diagnóstico da crise vivida pelo homem europeu, ao elucidar a etiologia da sua enfermidade espiritual, reivindicando, em tom de manifesto, o restabelecimento do que remediaría tal enfermidade. A consolidação do projeto de naturalização da “vida do espírito” fomentou, na formação da mentalidade europeia, um esquecimento daquilo que nos remeteria à “estrutura espiritual” (*geistige Gestalt*) da Europa, a saber: o surgimento da filosofia, enquanto uma nova forma cultural, na qual todas as ciências sistemáticas estariam incluídas enquanto suas ramificações. Esta nova forma cultural conduz os homens, por meio de um “novo tipo de posição” (*neuartige Einstellung*), a um deslocamento do olhar de suas metas finitas e circunstanciais, próprias de suas preocupações diárias inerentes a um “mundo circundante” (*Umwelt*), para metas infinitas, transformando-os, assim, na figura de um novo homem cuja reflexão – dada a radicalidade de elevá-lo acima de sua própria individualidade – faz dele uma espécie de “espectador desinteressado” (*uninteressierter Zuschauer*), preocupado tão somente em ver e descrever adequadamente. Trata-se da decisão deste novo homem de consagrar toda a sua vida futura à teoria, de dar a ela um caráter universal. Revela-se, então, por uma espécie de “autorreflexão” (*Selbstbesinnung*), o que Husserl identifica como o sentido espiritual da Europa. Trata-se, portanto, não de uma simples justaposição geográfica e cultural das diferentes nações, mas daquilo que, segundo Husserl (HUSSERL, [1935] 1976), guiaria e uniria, tal como um *telos* espiritual (*geistige Telos*), essa humanidade para além de suas diferenças culturais.

A denúncia dos perigos do naturalismo para a cultura e, portanto, como Husserl afirma ao final da conferência vienense, do “perigo de todos os perigos” (*Gefahr der Gefahren*) (HUSSERL, [1935] 1976), remete-nos para uma enfermidade espiritual, cuja superação somente poderia se dar por meio de um retorno da humanidade europeia ao seu solo espiritual originário. E é justamente aí que nos deparamos com a ideia de uma teleologia imanente à Europa, responsável, aos olhos de Husserl, pela saúde espiritual do homem europeu. Perguntamos, então:

quais os “segredos” desta dita teleologia imanente à humanidade europeia? Vejamos.

### 3. Do *telos* espiritual à teleologia originária da vida intencional

Uma análise breve da concepção husserliana de um *telos* espiritual da humanidade europeia, bem como das teleologias particulares que lhe são inerentes, nos faz passar do ideal da razão filosófica de contemplação de metas infinitas para as ciências que, como “regiões espirituais”, consistiriam em ramificações da própria filosofia. Husserl fornece-nos, quatro anos antes, uma elucidação de tais teleologias, nos primeiros parágrafos de *Meditações Cartesianas* (1931), dedicando-se à análise da ideia central em torno da qual se moveria a atividade científica. As ciências teriam, para além de sua existência de fato, enquanto fenômeno de cultura, uma teleologia própria que as guiaria: a de pretender realizar, por um esforço contínuo, a ideia diretriz de se constituir como uma “ciência autêntica” (*echter Wissenschaft*), conforme salienta Husserl, no § 4 da referida obra (HUSSERL, E. [1931/ 1929] 1973). Não se trata, como assinala o autor, da formação do conceito de ciência através de uma abstração comparativa baseadas nas ciências fáticas, mas sim, de uma pretensão que tais ciências trariam consigo, sem que pudessem justificá-la através de sua própria existência enquanto fenômeno de cultura. E é justamente nesta pretensão para a qual Husserl nos chama a atenção que encontramos a ciência como ideia – “ideia de ciência autêntica” (*Idee echter Wissenschaft*). A atividade científica avança, por aproximações sucessivas, na obtenção do conhecimento. Todavia, se a ciência exerce, de tempos em tempos, a corrigibilidade de suas conjecturas, tal movimento converge, segundo Husserl, para aquilo que as ciências aspiram, em sentido verdadeiro e próprio, como um fim ideal: alcançar verdades “válidas uma vez por todas e para todos” (*ein für allemal und für jedermann gültig*) (HUSSERL, [1931] 1973, p. 53). Deste modo, afirma-nos o autor, no mesmo § 4, a despeito de tal processo de corrigibilidade inerente à atividade científica, nada poderia impedir as ciências de viver, por um esforço contínuo, o *sentido* do que aspiram, preservando uma ideia clara e distinta do fim almejado. As ciências desenvolvem-se, então, em um “progresso infinito” (*unendlichen Progressus*), inclinadas à busca por maior exatidão e precisão, exibindo um estado corrente de realização, no qual tendem para o alcance de uma perfeição crescente, gradualmente realizada. Tal estado corrente de realização é, por conseguinte, algo “relativo” para a ciência, na medida em que os momentos alcançados tornam-se, enquanto realizações parciais, objetivos intermediários entre um estado que é menos e outro que é mais perfeito. Daí Husserl dizer, alguns anos antes, na Lição 29 do Volume II de *Filosofia Primeira (Erst Philosophie)*, de 1924: no que concerne ao processo infinito de realização do movimento em direção ao conhecimento, “todo fim último é apenas um *telos* relativo” (*jedes Endziel ist nur relatives τέλος*) (HUSSERL, [1923/1924] 1959, p. 14). Muito embora tal estado de realização corrente seja imperfeito (uma vez que é transitório), ele exhibe certa perfeição, ainda que relativa ao momento presente vivido pela ciência, preenchendo, com isso, nos termos da lição acima, certa “nostalgia” (“*Sehnsucht*”), mas preenchendo-a, através de atos de conhecimento, apenas de maneira relativa. Este momento é, de qualquer modo, um estado mais completo que aquele que lhe precedeu, de modo que a perfeição alcançada no momento seguinte seria como que o *telos* para o qual a ciência tendeu em seu estado anterior. Assim, cada estado corrente de perfeição não seria, para as ciências, um estado “definitivo” de perfeição. Aquele que está por

vir representa para o estado presente um *terminus* para o qual ele tende e em relação ao qual ele é definido como um “ponto de partida”. Assim, guiadas por esta “ideia diretriz” (*Zweckidee*) para a qual Husserl nos chama a atenção, as ciências crêem superar o conhecimento ingênuo, bem como superar *in infinitum* a si próprias, conforme vivenciam, progressivamente, esta intenção que, como uma tendência científica, se torna responsável por animar continuamente suas realizações parciais, guiando-as em sua tendência para a universalidade.

A análise dos momentos constitutivos desta “ideia teleológica geral” (*allgemeine Zweckidee*) para a qual convergem as ciências remete-nos para o impulso de reviver o alcance do conhecimento que, para Husserl, consiste na liberdade de “realizar de novo” (*Wieder-verwirklichung*), de retornar novamente a uma justificação estabelecida ou verdade demonstrada como identicamente a mesma, fazendo dela própria uma aquisição. Tal impulso científico coloca-nos, por sua vez, diante daquilo que, aos olhos do autor, justificaria o sentido do conhecimento: a “evidência” (*Evidenz, Einsicht*). Em sentido o mais amplo, a evidência proporciona-nos, segundo Husserl, a experiência de um ser e da sua maneira de ser. Nos termos de Husserl, no § 5 de *Meditações Cartesianas*: “o olhar do nosso espírito alcança a coisa ela mesma” (*Es-selbst-geistig-zu-Gesicht-bekommen*) (HUSSERL, [1931] 1973, p. 52). Nela, a coisa intencionada não é apenas visada de forma distante ou “remota” (*sachfernen*), como objeto de uma intenção meramente significativa. Antes disso, a coisa visada nos é, de certo modo, presente “ela própria”, em seu estado de coisa “ele próprio”. Trata-se, portanto, do que Husserl considera um primeiro princípio metódico, destinado a reger todos os passos ulteriores: a evidência da presença da coisa visada à consciência. Como lembra Husserl, ao asserir predicções sobre os objetos, a ciência não quer apenas formular, de maneira geral, juízos acerca dos mesmos, mas fundá-los ou verificá-los (*à tout moment*) na evidência, não podendo atribuir validade final a um juízo qualquer (nem tampouco atribuir ao juízo o valor de uma etapa intermediária no caminho que conduzisse à validade final) se não tiver extraído tal validade judicativa do que é evidente.

O ato de julgar é, antes de tudo, uma intenção e, em geral, uma simples “presunção” (*Vermeinen*) de que uma coisa seja isso ou aquilo. Neste caso, o que é afirmado pelo juízo é apenas coisa ou estado de coisa presumido, visado pelo pensamento e, portanto, “estado de coisa pensado” (*Denksachverhalt*). Em geral, para Husserl, enunciar proposições judicativas, por mais viva que seja a convicção em tal enunciação, não é ainda “conhecer”, no sentido autêntico da palavra. Tal intenção puramente presuntiva deve, inicialmente, demonstrar o seu valor de verdade, algo que somente se torna possível pela adequação da intenção inicial a uma intuição correspondente, ao localizar diante do olhar, a coisa “ela mesma” (o seu estado “ele próprio”), revelando-a, nos termos de Husserl, “em pessoa”. Trata-se, em resumo, de tornar um mero visar um estado de coisa uma intenção “fundada” (*“begründet”*), no sentido de “elevá-la à evidência” (*“einsichtig gemacht”*). Com isso, eventualmente, deparamo-nos com outro julgar intencional, no qual temos, de certo modo, a presença à consciência do que é julgado, ou como gosta de dizer Husserl: a “efetiva doação das coisas” (*die wirkliche Selbstgebung der Sachenreicht*) (HUSSERL, [1931] 1973, p. 54). Tal conversão de um mero julgar presuntivo em um julgar intencional no qual a coisa julgada se faz, de certo modo, presente à consciência torna-se assegurada pela evidência da coisa “visada e autodada” (*Gemeinte und Selbstgegebene*). Dá-se uma conformação entre o ato de visar e seu

preenchimento intuitivo, fazendo com que o julgamento meramente presuntivo torne-se objetivamente verdadeiro, na medida em que o mesmo se confirma na evidência. Nos termos do § 51 de *Prolegômenos*, Husserl descreve-nos tal confirmação como: “A vivência da consonância entre o visado e o que está presente em si mesmo...” (“*Das Erlebnis der Zusammenstimmung zwischen der Meinung und dem selbst Gegenwärtigen...*”) (HUSSERL, E. [1900] 1913, § 51, p. 190).

A exigência segundo a qual o cientista deve fundar na evidência os juízos que formula será, segundo Husserl, sucedida por outra: a de refletir sobre o alcance e limite da própria evidência em questão, explicitando o grau de perfeição no qual uma coisa qualquer nos é efetivamente dada. Afinal, a perfeição ideal exigida pela evidência diferencia-se, podendo ser, nos termos do autor, “mais ou menos perfeita” (*mehr oder minder vollkommener*). Temos perante nós uma infinidade de experiências ou evidências pré-científicas. Referindo-se a esta nova exigência, Husserl afirma-nos que toda “evidência predicativa implica em uma evidência pré-predicativa” (*Prädikative Evidenz schließt vorprädikative ein*) (HUSSERL, [1931] 1973, § 4, p. 52). Quer dizer, implica, em última instância, em qualquer coisa visada, respectivamente, vista evidentemente e expressa. As ciências aspiram predicacões destinadas a dar à intuição pré-predicativa uma expressão completa e evidentemente adequada. E é justamente o princípio metódico de “somente julgar na evidência” (*nur in Evidenz zu urteilen*) que deverá reger esta tarefa. A evidência pré-predicativa supõe, por sua vez, no plano sensível, uma coisa visada, cuja presença à consciência atesta-nos a sua evidenciação. Em termos husserlianos, através da evidência da coisa visada, a intenção vazia preenche-se: tem-se um “preenchimento de significação” (*Bedeutungserfüllung*). Passamos de uma mera presunção do ato que intenciona a coisa visada para a presença intuitiva da coisa “ela mesma” à consciência.

Deparamo-nos, em tal passagem, com uma camada teleológica mais originária. Husserl chama-nos a atenção, no caso da percepção, para os graus sucessivos de preenchimento intuitivo dos atos intencionais, nos quais a evidência diferencia-se, assegurando o esclarecimento gradativo do objeto visado. No Capítulo 3 da Sexta Investigação, Husserl salienta que, em cada preenchimento de atos significativos, encontramos um “tornar-se intuitivo” que, por sua vez, é mais ou menos completo. Husserl mostra-nos, especificamente, no caso da percepção de um objeto, que tal preenchimento impõe-nos gradações, algo da ordem de uma relação de aumento, uma vez que, ao atribuir “plenitude” (“*Fülle*”) ao ato, este tornar-se intuitivo assegura a presença daquilo que é visado pelo ato significativo, mas esta presença se faz, gradativamente, em uma série de preenchimentos que aumentam progressivamente o conhecimento do objeto, em termos de vivacidade ou riqueza do que é intencionado, confirmando, com isso, em níveis crescentes, a realização (ou atualização consciente) da referência objetiva. Se tais atos intencionais significativos aspiram a um preenchimento intuitivo, cada grau de preenchimento aspiraria, por sua vez, a um “ideal de preenchimento definitivo” (*Ideal der letzten Erfüllung*), tendo como fim a “perfeição da adequação” (*Vollkommenheit der Adäquation*) entre o ato intencional significativo e seu preenchimento intuitivo. O aperfeiçoamento opera-se, então, numa “progressão sintética” (*synthetischer Fortgang*) de experiências concordantes, onde essas intenções significantes se elevam ao estágio de experiência efetiva que as confirma e as preenche. Nos termos da Lição 28 do Capítulo 1 de *Filosofia Primeira* (Volume II), o objetivo a ser alcançado é inicialmente presumido (*vermeinten*), depois realizado em uma obtenção imperfeita

(*unvollkommenen Erzielung*) e, por fim, efetivamente perfeita (*wirklich vollkommene*) (HUSSERL, E. [1923/1924] 1959, p. 9). Em tal série de preenchimentos com implicações progressivas, tratar-se-ia, portanto, de uma camada teleológica inerente à vida intencional. Neste sentido, poder-se-ia dizer que “intencionalidade é teleologia” (MURALT, 1974, p. 27). Todos os momentos de realização do desenvolvimento da ciência encontrar-se-iam, portanto, envolvidos com uma teleologia intencional originária.

#### 4. Da unidade teleológica ao autêntico “positivismo filosófico”

Se no período de consolidação das reflexões sobre a crise da humanidade europeia, Husserl nota, no ideal da razão filosófica de contemplação de metas infinitas, o *telos* espiritual do homem europeu, não explicita, contudo, especificamente, na conferência de Viena, o sentido das chamadas “teleologias particulares” inerentes à realização de tal ideal. Da filosofia, ramificam-se, sistematicamente, diferentes domínios científicos. Mas, tal como vimos, o autor esclarece-nos, desde 1923, no Capítulo 1 de *Filosofia Primeira* (Volume I), passando por *Meditações Cartesianas* (1931), quatro anos antes da referida conferência, que tais domínios unem-se, por um esforço contínuo, em torno da ideia teleológica suprema das ciências de se constituir como uma “ciência autêntica”. Neste sentido, guiadas por esta “ideia fim”, as ciências aproximam-se, através de suas realizações parciais, de tal constituição, na medida em que elas próprias avançam na obtenção do conhecimento, cujo sentido maior justifica-se, segundo Husserl, pela fundação (ou verificação) dos juízos na evidência. Considerando que, já no plano sensível (pré-predicativo), os preenchimentos intuitivos dos atos intencionais dão-se gradativamente, aspirando a um ideal de adequação, deparamo-nos, como vimos, com uma realização teleológica mais originária, para a qual Husserl já nos chamava a atenção desde *Investigações Lógicas* (1900/1901). Neste sentido, é enganoso considerar o apelo à teleologia um aporte tardio no itinerário husserliano. A fenomenologia de Husserl permanece, desde o começo, “dominada por motivos *teleológicos*” (BERNET, R. 1994, p. 121).

Husserl aponta-nos, então, poder-se-ia dizer, para “camadas” de realizações teleológicas: do ideal da razão filosófica de contemplação de metas infinitas se ramificariam os diferentes domínios científicos que, por sua vez, abrigariam uma camada mais originária referente à realização teleológica da vida intencional. Tais camadas encontrar-se-iam unificadas, revelando-nos uma “unidade teleológica” no programa da fenomenologia. Nela, deparamo-nos com a relação indissociável entre a doutrina teleológica das ciências e a teleologia da vida intencional. Daí Husserl dizer, no seminário de inverno de 1923, que: “O que nós chamamos conhecimento teórico ou científico é uma organização superior que nos remete para níveis inferiores do conhecimento, como a intuição sensível e suas formas variadas...” (HUSSERL, [1923/1924] 1956, p. 46)<sup>2</sup>. Tal unidade mostra-nos que a realização teleológica inerente à evolução espiritual da humanidade europeia encontra-se, através do esforço científico de reviver, por meio de uma “nostalgia infinita” (*unendliche Sehnsucht*), de uma incessante realização parcial e, portanto, finita e limitada, o ideal de se constituir como uma “ciência autêntica”, indissociavelmente

<sup>2</sup> “...was wir theoretisches oder wissenschaftliches Erkennen nennen, nur eine ausgezeichnete Höhengestaltung ist, die sich auf niedere Erkenntnisstufen zurückbezieht: so auf das vielgestaltige sinnliche Anschauen...”



ligada à realização teleológica inerente à vida intencional, sem a qual conhecimento genuíno algum se tornaria possível (uma vez que, do ponto de vista metodológico, para Husserl, não há conhecimento genuíno se não houver preenchimento intuitivo dos atos intencionais). Lembremo-nos do § 16, do Capítulo 3 da Sexta Investigação: “Equiparamos o preenchimento ao conhecimento (em sentido estrito)” (“*Wir hatten Erfüllung mit Erkennung (im engeren Sinn)...*”) (HUSSERL, E. [1901] 1913c / 1968, §16, p. 65).

A propósito do tema em questão, antes mesmo do período de consolidação das reflexões sobre a crise da cultura europeia, na década de 30, mais precisamente, no início dos anos 20, em *Filosofia Primeira* (Volume I), Husserl já nos chamava a atenção para a importância de se levar a cabo o propósito de clarificar e distinguir as referidas realizações (ou operações) teleológicas. Todo o esforço da fenomenologia concentrar-se-ia em torno desta tarefa. O grande obstáculo à investigação de tais realizações seria, justamente, de acordo com o autor, os preconceitos fomentados pela doutrina do naturalismo e, particularmente, pelo projeto de naturalização da consciência, segundo o qual a vida consciente seria tão somente considerada em termos psicofísicos. Daí Husserl dizer, no seminário de inverno de 1923, que: “...os processos teleológicos das operações da razão encontram-se escondidos, desconhecidos na efetuação natural e não são eles mesmos novamente reconhecidos” (HUSSERL, E. [1923/1924] 1956, p. 81)<sup>3</sup>. Tal unilateralidade ingênua do referido projeto naturalista – contraditória teoricamente e perigosa para a cultura – se constituiria como o grande obstáculo para o esclarecimento das diferentes camadas teleológicas e, mais particularmente, para a elucidação da dita “teleologia originária”, inerente à vida intencional da consciência, em seus diferentes aspectos: desde os atos intencionais meramente significativos (aspirantes a um preenchimento intuitivo), passando, já no nível de uma evidenciação pré-predicativa, pelos preenchimentos iniciais deste ato (cada um dos quais aspirando a uma perfeição cada vez maior), até a aspiração por um preenchimento intuitivo definitivo, tornando possível aos juízos de percepção aspirar a um preenchimento categorial, ao asserirem uma predicação acerca do estado da coisa percebida. Trata-se, portanto, de uma teleologia imanente à vida intencional, cujas leis e propriedades essenciais devem ser devidamente aclaradas. Eis, segundo Husserl, a tarefa que, precisamente, importa realizar. Grande parte do esforço de elucidação desta realização teleológica originária, na qual encontraríamos talvez o sentido mais íntimo da fenomenologia husserliana, sem o qual conhecimento autêntico algum se tornaria possível, permite-nos compreender o porquê de Husserl jamais abdicar, de *Investigações Lógicas à Crise das Ciências Europeias*, do exercício da chamada “tarefa crítica” (*kritische Aufgabe*), por meio da qual é levado a denunciar os contrassensos teóricos, bem como os equívocos de fundamentos, resultantes da fundamentação das ciências positivas da época na doutrina do naturalismo e, mais particularmente, do projeto de naturalização da consciência (responsável pela reincidência do psicologismo e do relativismo cético que lhe é próprio).

Por fim, acrescenta-se ainda que tais realizações teleológicas supõem, em suas diferentes camadas, a ideia de “progresso” (*Fortschritt*), crucial para as aspirações das ciências positivas da época. Mas, se para tais ciências, o dito

<sup>3</sup> “...die teleologischen Prozesse des Vernunftleistens, sind im natürlichen Vollzug verborgen, unbekannt und nicht selbst wieder erkannt”.

progresso somente pode ser obtido a partir daquilo que podemos conhecer positivamente (isto é, a partir das generalizações empíricas inferidas indutivamente por meio da descrição da regularidade dos fatos observados sistematicamente), no que concerne às realizações teleológicas para as quais Husserl nos chama a atenção, o progresso em questão não resultaria de um “começo e fim” (*Anfang und Fortgang*) fortuitos, mas, como ele próprio nos diz, no § 5 de *Meditações Cartesianas* (1931), estaria fundado na “natureza das próprias coisas” (*in der Natur der Sachen selbst*) (HUSSERL, [1931] 1973, p. 53), isto é, na presença intuitiva da coisa visada à consciência. Trata-se, portanto, de um “progresso teleológico” (em sentido “fenomenológico”) distinto daquele que encontramos na ciência positiva, em sentido “ordinário”.

Deste modo, cabe-nos ainda destacar que se o exercício da tarefa crítica incide sobre a ingenuidade epistêmica das ciências positivas, tendo como objetivo denunciar os contrassensos teóricos inerentes à doutrina naturalista (espécie de “solo” das referidas ciências), é preciso esclarecer, contudo, que tal crítica não recai sobre o espírito científico propriamente dito, mas, antes sim, sobre o modo “ingênuo” (filosoficamente falando) e “perigoso” (do ponto de vista dos rumos tomados pela cultura europeia) por meio do qual tal espírito é, restritamente, vivido pelas ciências positivistas à época de Husserl. A tarefa almejada de esclarecimento e distinção das realizações teleológicas, em seus diferentes níveis, revela-nos, assim, uma concepção de progresso fundada nas coisas “elas mesmas”, permitindo-nos pensar, com Husserl, a partir da crítica às ciências positivas e, mais particularmente, à naturalização da consciência, uma aspiração própria ao programa da fenomenologia: fornecer, através da tarefa crítica, condições para a realização de um “positivismo filosófico e mundividente” (*philosophischen und weltanschaulichen Positivismus*), como ele próprio nos diz, no § 3 do Capítulo 1 de *A Crise das Ciências Europeias* (HUSSERL, E. [1936] 1976, p. 5). Tratar-se-ia de uma aspiração cuja presença notamos, no itinerário husserliano, desde 1913, quando o próprio Husserl afirmava-nos, no § 20 de *Ideias I (Ideen I)*, que: “Se por ‘positivismo’ entendemos o esforço, absolutamente livre de preconceitos, para fundar todas as ciências sobre o que é ‘positivo’, quer dizer, suscetível de ser apreendido de maneira originária, nós é quem somos os verdadeiros positivistas” (HUSSERL, E. [1913] 1976, § 20, p. 45)<sup>4</sup>. Dez anos depois, no curso de inverno de 1923, na Lição 17 do Capítulo 2 do Volume I de *Filosofia Primeira*, Husserl reforçaria, uma vez mais, a referida aspiração, afirmando-nos que: “Enquanto não superarmos o psicologismo e o objetivismo (enquanto não tivermos um positivismo, no bom sentido da palavra), nenhuma filosofia da razão será possível – e isto quer dizer nenhuma filosofia qualquer que seja” (HUSSERL, E. [1923/1924] 1956, p. 125)<sup>5</sup>. Revela-se, portanto, em Husserl, para além dos contrassensos da ingenuidade epistêmica das ciências positivas, um “bom sentido” (*guten Sinn*) do termo positivismo. Tal sentido remete-nos para uma pretensão que não parece ser fortuita para a fenomenologia husserliana, mas, antes sim, como o próprio Husserl nos diz, em 1923, fundada em um “retorno às coisas mesmas” (*Rückgang auf die “Sachen selbst”*) (HUSSERL, E. [1923/1924] 1956, p. 22)

<sup>4</sup> “Sagt ‘Positivismus’ soviel wie absolut vorurteilsfreie Gründung aller Wissenschaften auf das ‘Positive’, d.i. originär zu Erfassende, dann sind wir die echten Positivisten”.

<sup>5</sup> “Ohne Überwindung des Psychologismus und des Objektivismus (ohne Positivismus in einem guten Sinn) überhaupt ist freilich keine Philosophie der Vernunft möglich – und das sagt ebensoviel wie eine Philosophie schlechthin”.

## 5. Considerações Finais

Conclui-se, então, se considerarmos a hipótese formulada no presente artigo, que a tarefa crítica (exercida desde as origens da fenomenologia até a sua fase final) torna-se o recurso necessário sem o qual Husserl jamais poderia denunciar os contrassensos teóricos e práticos, bem como os equívocos de fundamentos (resultantes da confusão entre o real e o ideal), inerentes ao naturalismo sobre o qual repousam as ciências positivas, livrando-se, com isso, ao longo do seu itinerário, da incidência de um relativismo cético (latente ou manifesto) que colocaria a razão em contradição consigo mesma. Tal denúncia é, justamente, o que permitiria reabrir o que anteriormente fora obstruído por preconceitos naturalistas: o caminho por meio do qual se daria o esclarecimento e distinção dos diferentes níveis da realização teleológica que, por sua vez, trariam consigo, conforme vimos, um sentido fenomenológico da ideia de “progresso”, fundado na evidenciação das coisas “elas mesmas” (e dos seus estados “eles próprios”) à consciência, revelando-nos, por fim, a concepção da fenomenologia como um autêntico “positivismo filosófico”.

\* \* \*

## Referências

BERNET, R. “Finitude et téléologie de la perception (Husserl)”. In: **La vie du sujet: Recherches sur l’interprétation de Husserl dans la phénoménologie**. Paris: Épipiméthée PUF, 1994.

HOUSSET, E. **Husserl et l’énigme du monde**. Paris: Éditions du Seuil, 2000.

HUSSERL, E. **Logische Untersuchungen**. Erster Band. “Prolegomena zur reinen Logik”. Halle a. d. S.: Max Niemeyer, ([1900] 1913a).

\_\_\_\_\_. **Logische Untersuchungen**. Zweiter Band. Teil I. “Untersuchungen zur Phänomenologie und Theorie der Erkenntnis”. Stuttgart, Tübingen: Max Niemeyer Verlag, ([1901] 1913b, 1968).

\_\_\_\_\_. **Logische Untersuchungen**. Zweiter Band. Teil II. “Elemente einer phänomenologischen Aufklärung der Erkenntnis”. Stuttgart, Tübingen: Max Niemeyer Verlag, ([1901] 1913c, 1968).

\_\_\_\_\_. Philosophie als strenge Wissenschaft. In: **Logos: Zeitschrift für systematische Philosophie / Logos**, 1910-1911, 53 Seite (n).

\_\_\_\_\_. **Ideen zu einer reinen Phänomenologie und phänomenologischen Philosophie**. Erstes Buch: Allgemeine Einführung in die reine Phänomenologie. The Hague, Netherlands: Martinus Nijhoff, ([1913] 1976).

\_\_\_\_\_. “Erneuerung. Ihr Problem und ihre Methode (1923)”. In: **Aufsätze und Vorträge (1922-1937). Husserliana. Band XXVII**. Dordrecht / Boston / London: Kluwer Academic Publishers, ([1923] 1989).

\_\_\_\_\_. **Erste Philosophie (1923/1924)**. Erster Teil. The Netherlands: Martinus Nijhoff, ([1923/1924] 1956).

\_\_\_\_\_. **Erste Philosophie (1923/1924)**. Zweiter Teil. The Netherlands: Martinus Nijhoff, ([1923/1924] 1959).

\_\_\_\_\_. **Cartesianische Meditationen und Pariser Vorträge. Husserliana (Band I)**. Den Haag, Netherlands: Martinus Nijhoff, ([1931/ 1929] 1973).

\_\_\_\_\_. “Die Krisis des europäischen Menschentums und die Philosophie”. In: **Die Krisis der europäischen Wissenschaften und die transzendente Phänomenologie. Husserliana. Band VI**. Netherlands: Martinus Nijhoff, ([1935] 1976).

\_\_\_\_\_. **Die Krisis der europäischen Wissenschaften und die transzendente Phänomenologie. Husserliana. Band VI**. Netherlands: Martinus Nijhoff, ([1936] 1976).

MURALT, A. **The Idea of Phenomenology: Husserlian Exemplarism**. Evanston: Northwestern University Press, 1974.